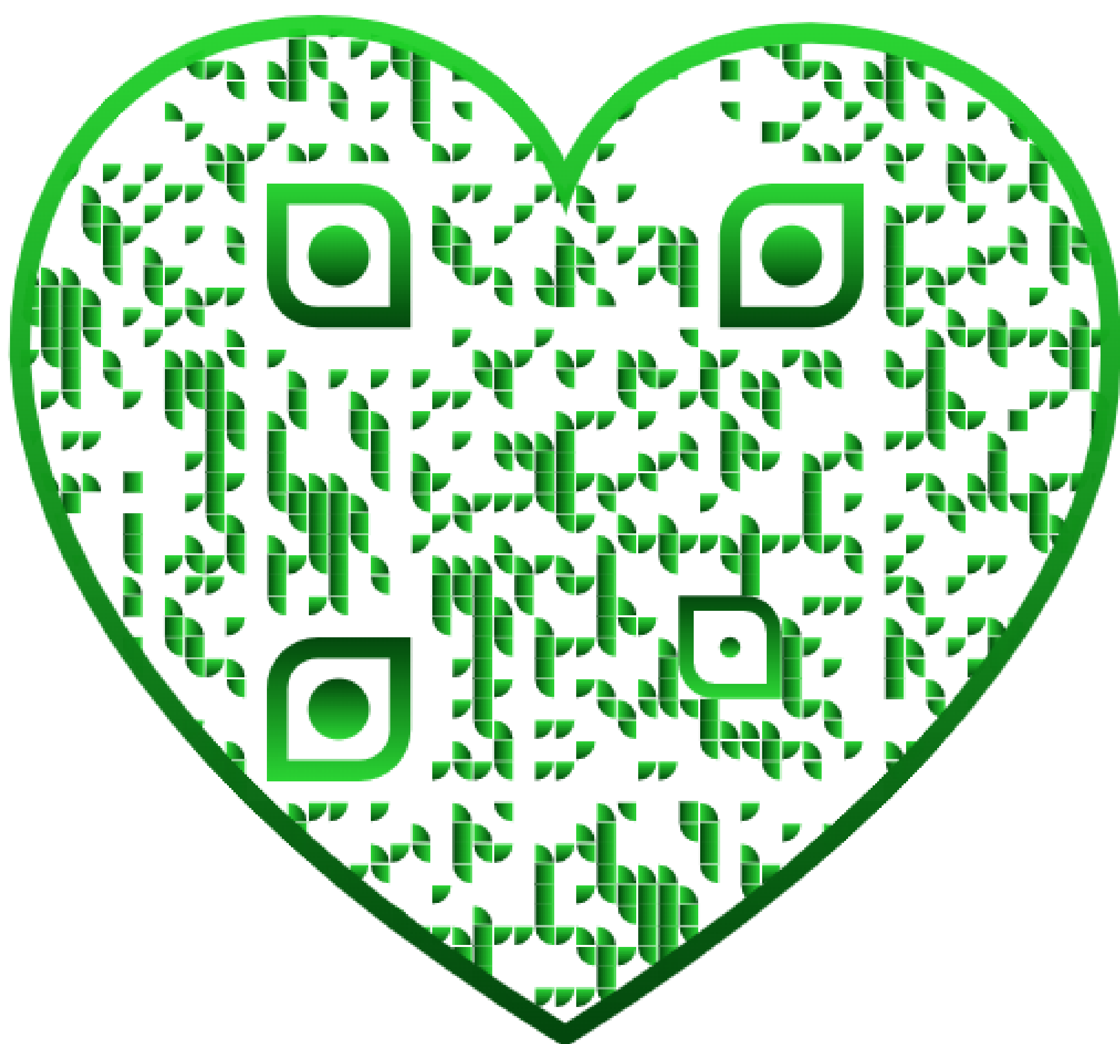
CONTO

EU CONHEÇO A SUA ALMA

EDUARDO OGALVES



CONTO

EU CONHEÇO A SUA ALMA

EDUARDO OGALVES

Copyright © Eduardo Ogalves

Eu conheço a sua Alma

1ºEdição
Julho de 2021

Todos os direitos reservados. Este ebook ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do ebook.
Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

A temperatura na tela do smartfone de Guilherme estava em quatro graus. O inverno parecia estar mais intenso do que nos outros anos. Guilherme finalizava seu plantão de dose hora noturna no principal hospital da cidade. Após registrar sua saí dano relógio de ponto, cumprimentou senhor Orlando com um aceno de mãos ao passar pela portaria, e logo em seguida, esfregou uma mão na outra tentando se esquentar de alguma maneira mesmo estando bem agasalhado com seu blazer preto, cachecol de cor azul-claro com listras brancas. Um presente que ele tinha como lembrança de sua falecida avó. Guilherme seguiu rumo ao estacionamento em direção ao seu carro um Honda Breeze de cor branco.

Uma garoa começou a cair durante o percurso de Guilherme, pessoas apressavam seus passos sobre o meio-fio, tentando se protegerem para não se molharem devido o repentino chuvisco. Ele ligou o som e selecionou uma playlist de nome românticas internacionais preferidas. Parou no sinal que já contava 27 segundos para alterar para o sinal verde. Algumas pessoas atravessavam a faixa de pedestre, cada qual em sua correria diária. Um rapaz chamou a atenção de Guilherme. Não era estranho aquele corpo alto e atlético, de ombros largos, com um casaco sobre tudo de cor azul-escuro que se aproximava do preto. Apressado, o rapaz passava pela faixa olhando para o sinaleiro, provavelmente contabilizando o tempo do mesmo ser liberado para os carros. Apesar da pressa do rapaz, na mente de Guilherme, aquela visão se tornou como uma câmera lenta, pois reconheceu aquele rosto de cabelos lisos, barba desenhada de uma maneira impecável. Era como se um artista a desenhasse, sobre aquele rosto leve, de olhar calmo. Era Eliseu.

Guilherme altamente emocionado, lembrou – se daquele inverno de sete anos atrás. Era apenas um garoto que acabara de conseguir nota máxima no vestibular e ser selecionado com bolsa integral no curso de medicina. Enquanto fazia seu percurso sendo levado pelo ônibus escolar cedido pela faculdade, olhava pela janela, em um horizonte a se perder de vista aquela selva de pedra. Pensando no que lhe esperava na nova fase de sua vida. Longe de sua famí liade baixa situação financeira, o primeiro a ingressar em uma universidade, trazia consigo um cachecol que a vó havia lhe

presenteado quando soube do resultado da seleção. O ônibus que trazia Guilherme chegava aos campos rotineiramente, 1 hora antes do iní ciodas aulas. Nessa 1 hora de espera, ele pegava um café na máquina de expresso, e aguardava em uma das mesas do refeitório, sempre na maioria das vezes sozinho, acompanhado de um livro e um café quente. Um rapaz aparentemente perdido aproximou – se:

— Olá tudo bem? Meu nome é Eliseu, estou a procura da sala 32B. Você sabe em qual andar fica? — Guilherme por um momento ficou sem jeito, por ser tí mido, em meio a palavras gaguejadas para responder quase que se perde:

— Fica… no.. É… terceiro andar! O corredor a direita ao sair do elevador. É a mesma sala que a minha.

— Que bacana, assim já faço amizade com alguém da sala. Essa cidade gigantesca me assusta, é estranho estar sozinho em uma cidade desconhecida. — Guilherme ficou surpreso pelo quanto que Eliseu conversava em poucos segundos que acabara de se conhecerem, ele estava acostumado com seu jeito tí mido, reservado.

— Poxa, desculpa minha grosseria, qual seu nome?

— Me chamo Guilherme.

— Posso me sentar aqui com você até o horário da aula Guilherme?

Guilherme se movimenta de forma assustada, sentado ele se arrasta no banco liberando espaço, tira a mochila do banco e coloca próximo a sua perna no chão.

— Cla… Claro!…

Os dois jovens conversam durante a hora de espera da aula, na sala acabam sentando – se próximos um ao outro no fundo, dando iní cioa uma longa amizade, porém vez ou outra trocavam olhares que deixavam ambos tí midos um com outro.

No decorrer dos meses, diversos professores passam trabalhos para fecharem o semestre. Guilherme e Eliseu formam um grupo junto com Carine e Manuela.

Em um dos dias. Um dia de tempo fechado, céu escuro mesmo sendo metade do entardecer. O grupo em uma roda de conversa se reúne em uma sala de estudos na biblioteca da universidade. Manoela vendo as atualizações em uma rede social, em uma página da cidade fica surpresa com uma notí cia de um rapaz gay que foi assassinado na madrugada, próximo ao centro da cidade.

— Puts, eu conhecia esse cara. Nunca Imaginaria que ele fosse gay! — Guilherme surpreso com o comentário, questiona:

— Mas por que não imaginaria? Gay tem um jeito especí fico? — Manoela sem vontade de dar continuidade ao assunto, sem dar importância, tenta explicar.

— Sei la, Guilherme — de forma áspera, ela continua — gays são meio afeminados, não sei? Tem uns jeitos esquisitos. Esse cara era normal, parecia até hétero., nunca imaginaria que ele fosse gay.

Guilherme percebe que Eliseu ficou incomodado com o assunto. Sua fisionomia ficou tensa. Carine interrompe Manuela, dizendo que precisaria finalizar o trabalho em sua casa, pois haveria um compromisso com sua mãe. Manuela lhe pede carona. As duas se despedem de Guilherme e Eliseu e seguem rumo a portaria da biblioteca, com Carine ao telefone dando informações para sua mãe de onde lhe esperaria.

Guilherme e Eliseu seguem para o ponto de ônibus do campus. No caminho uma chuva intensa desaba, Guilherme e Eliseu começam a correr, pois além da chuva avistam que o ônibus acabara de sair. Encharcados, Eliseu sugere um uber até sua casa que é mais próxima, para Guilherme trocar de roupa para depois ele ir embora seco e mais tranquilo.

Eliseu morava em uma kit net do outro lado da cidade, no quarto andar de um prédio popular. Ele coloca sua mochila sobre um sofá de dois lugares, tira sua camiseta encharcada e segue rumo ao banheiro. Guilherme, tí mido observa os detalhes do corpo atlético de Eliseu e fica sem jeito e procura um lugar aleatório para fixar o olhar.

— O que você achou do comentário de Manoela, cara? — Pergunta Guilherme.

— Achei bem preconceituoso da parte dela, mas sei la… Prefiro não me expor nesses assuntos.

— Eu fiquei bem incomodado com a opinião dela, para ser sincero. Cara! Não é por ser gay que você tem que ter um estilo específico, um rotulo. Foi ridículo ela comparar o cara a um hétero especificando uma normatividade. Isso não existe. Você é o que é e ponto. Não existe um padrão.

Enquanto Guilherme expunha sua opinião, Eliseu saía do banheiro se secando com uma toalha e enrolado em outra. Foi até o quarto, se trocou e ofereceu a Guilherme uma troca de roupa.

Ele pega uma bermuda, uma camiseta e vai ao banheiro para se trocar, deixando a porta entre aberta sem perceber, enquanto Eliseu preparava um lanche para os dois. Guilherme ao retirar sua roupa no banheiro, coloca a bermuda emprestada e antes de colocar a camiseta, ele a aproxima de seu rosto para sentir o cheiro de Eliseu. Ele não percebe que Eliseu o observava pelo reflexo no espelho do menu da geladeira. Eliseu se aproxima do banheiro com a porta entre aberta, e fica em silêncio sondando ele sentir seu cheiro na camiseta. Ao perceber que estava sendo observado, Guilherme fica sem jeito e tenta se explicar, porém Eliseu calmo, abre a porta e tentando acalmar Guilherme, pede silêncio colocando de maneira suave, seus dedos em seus lábios.

— Shiu… Não fala nada. Por favor não precisa se explicar.

— Cara não é nada disso… Desculpa não ter te falado antes… Eu… Sou… —

Eliseu interrompe a fala de Guilherme, olhando em seus olhos fixamente, segurando seu rosto, sussurrando:

— Gui... eu preciso que você saiba que… — Nesse momento, Eliseu aproxima seus lábios dos lábios de Guilherme. Ele sentia seu hálito quente percorrer por sua narina, enquanto tentava falar, quando foi interrompido definitivamente com um beijo lento, suave, calmo. Que fizeram ambos fechar os olhos e se entregarem

a um sentimento que estava escondido, abafado, que se libertou em questão de segundos, a trilha sonora da chuva que caia. Guilherme leva suas duas mãos ao rosto de Eliseu, e ao abrir os olhos, fixa seu olhar nos dele.

— Eu confesso que estava difí cilestar ao seu lado e não poder te olhar como agora, enxergar seus detalhes…

— Meu medo era de me expor para você e não te ter se quer como um amigo — Um sorriso de canto de rosto surge na face de Eliseu, enquanto falava. — E confesso que minha situação é complicada para assumir algo tão intenso, ser quem sou.

— Eu percebi que após a fala de Manoela você ficou incomodado, porém fiquei surpreso quando você preferiu não se expor.

— Minha realidade é complicado, Gui. Minha famí lia é extremante religiosa, não sei qual seria a reação. Meus pais esperam que eu assuma o lugar deles futuramente, na congregação.

— Não é sobre dois caras ou duas mulheres se beijando, é sobre isso — Nesse momento, Guilherme acaricia o rosto de Eliseu, e mais uma vez lhe beija e pede que ele permaneça de olhos fechados. E começa a beija – lo de forma suave partes de seu rosto, e sussurra nos intervalos — Quando estamos de olhos fechados, não estamos vendo quem está retribuindo o beijo, estamos com os olhos humanos desligados e com as almas conectadas, vivendo sua mais pura essência, de quem você realmente é. Você nunca se perguntou por que fechamos os olhos quando nos beijamos?

— Você está dizendo então, que é sobre conhecer as almas um do outro?

— Exatamente. — responde Guilherme, beijando seus lábios de olhos fechados.

Como se fosse resgatado de uma lembrança por um pensamento distante, Guilherme se assusta com o barulho de buzinas de carro. Olhando para o semáforo já em sinal verde, sai com o carro. Olhando pelo retrovisor, sob uma garoa fina, ele acompanha com o olhar Eliseu correndo rumo a um Jeep Renegade de cor chumbo até adentra – lo. No banco do passageiro, uma

mulher de aparência elegante e no banco traseiro, centralizado, uma cadeirinha infantil com uma criança com um brinquedo nas mãos.